Larry José Madrigal
Mercedes Lopes

Apresentação

Quando a enorme complexidade do fenômeno do tráfico de pessoas era uma questão considerada urgente e necessária a ser abordada pelo conjunto de biblistas de RIBLA, ficou patente seu grande peso histórico e estrutural a nível global, tanto no presente quanto no passado, como é atestado nas escrituras judaicas e cristãs. Em sua configuração atual, também era categórico sua relação íntima e dependente com o sistema capitalista e suas mandíbulas predatórias e extrativistas. O que não podíamos imaginar é que os últimos exercícios de arredondamento deste número teriam que ser feitos em meio a uma crise global desencadeada pela pandemia do Covid-19, com seus profundos efeitos, especialmente para as pessoas mais vulneráveis do sistema.

A pandemia causada pelo Covid-19 é a crise de saúde global que está definindo a situação mundial atual e o maior desafio de saúde que a humanidade enfrenta desde a segunda guerra mundial. Os casos aumentam diariamente em quase todos os países da América Latina e do Caribe. Concomitantemente a dívida pública aumenta vertiginosamente, seja como resposta à política de saúde, seja como resultado e pretexto para velar a corrupção. Quase todos os países estão agindo apressadamente para evitar ainda mais a propagação da doença, testando e tratando pacientes, rastreando contatos positivos, investindo milhões em vacinas, limitando viagens, impondo restrições à mobilidade e interação social, colocando pessoas em quarentena, suspendendo aulas presenciais, cancelando grandes eventos esportivos, concertos, conferências internacionais etc.

Mas o Covid-19 é muito mais do que uma crise de saúde. Todos os países da nossa América Latina e Caribe foram atingidos violentamen-

te pela doença. E ela chegou com um potencial de desencadear crises sociais, econômicas e políticas devastadoras, que deixarão cicatrizes profundas. Estamos em território desconhecido. Muitas de nossas comunidades ficam irreconhecíveis depois de algumas semanas. Muitas grandes cidades do mundo alternam fases de ruas desertas com frenesi de compras e pânico diante de novas ondas, com pessoas que ficam cerradas em casa, seja por escolha ou por ordem das autoridades, e outras fogem de seus países por necessidade ou por negligência de seus governos. Nações que dependem do turismo têm hotéis vazios por falta de turistas. O custo de vida aumenta, em muitos lugares faltam alimentos de primeira necessidade.

A crise do microempreendedor é relatada como resultado da demanda pandêmica daqueles que podem pagar pela tecnologia. Todos os dias milhões de pessoas perdem seus empregos e suas rendas, sem saber quando tudo vai voltar ao normal. E, neste particular, agrava-se a situação global do tráfico de pessoas e sua baixa visibilidade crítica, com trabalho forçado não documentado, devido às medidas de restrição, confinamento e crise de atendimento. Corroboram com isso lacunas jurídicas do Estado, agravamento da pobreza extrema, que catalisam condições favoráveis ao tráfico. Aumenta o consumo virtual, aumenta a conta das indústrias que escondem o trabalho infantil, escravo ou precário e cresce o negócio dos traficantes para o mundo rico.

Por isso este número se dedica ao tráfico de pessoas, que, segundo o Protocolo de Palermo,¹ trata-se do:

“Recrutamento, transporte, transferência, recepção ou recolhida de pessoas, recorrendo à ameaças ou uso da força ou outras formas de coerção, sequestro, fraude, engano, abuso de poder sobre pessoas em situação de vulnerabilidade ou de concessão ou recebimento de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de quem exerce autoridade sobre outra pessoa, para fins de exploração”.

Essa exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, trabalho ou serviços forçados, escravidão ou práticas análogas à escravidão, servidão ou extração de órgãos, entre muitas outras formas.

Com esse contexto mundial no horizonte, Ivone Gebara (Brasil), com sua palavra lúcida e profunda, abre com uma introdução “refle-

¹ Protocolo para Prevenir, Reprimir e Punir o Tráfico de Pessoas, especialmente Mulheres e Crianças, que complementa a Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional.

xiva e problemática” a situação do tráfico, influenciando a reflexão e a pesquisa dos trabalhos desse número de RIBLA. Ivone questiona os posicionamentos éticos formais que nos colocam ao lado dos mocinhos, com discursos politicamente corretos que despojam o tráfico de pessoas da relação econômica globalizada, principalmente quando se trata do corpo das mulheres. Ivone, lembrando os limites da palavra bíblica, desafia-nos quando afirma que: “talvez, em meio à insegurança que vivemos no mundo de hoje, sejamos convidados e convidadas a dar um passo mais adiante e nos colocar outras questões. Talvez estejamos sendo convidados e convidadas pela vida a retomar a beleza das nossas tradições a partir de outras leituras, menos puras, menos hierárquicas, menos religiosas, que nos permitem um acesso diferente à compreensão das relações entre as nossas tradições religiosas e os problemas do nosso tempo.

Em diálogo com essas provocações, Rebeca Cabrera (Venezuela) se propõe a estudar o argumento escriturístico da “barriga de aluguel” de Gênesis 16 e 21. À luz dos textos, ela nos apresenta o sistema patriarcal que apelava ao direito do homem para reter o acesso sexual da mulher e dos filhos procriados. Rebeca nos aproxima dos referenciais teológicos, éticos e jurídicos, cujo estudo é compreendido a partir da contextualidade e não da teoria ética que trata dos deveres reguladores, traduzindo-os em preceitos, normas morais e regras de conduta, desde que atenda a reais e situações concretas de vida que necessariamente implicam responsabilidade. Para ela, destacar isso neste momento é de suma importância, pois apresenta desafios que vão além do jurídico, propõem dilemas éticos que ameaçam a dignidade inerente ao ser humano e podem, inclusive, afetar as gerações futuras.

Na análise do texto sobre José atirado no poço (Gn 37), Larry José Madrigal (El Salvador) trabalha a partir de uma perspectiva de gênero e masculinidades. Revisita o poço como lugar simbólico e real dos traumas causados pela violência do tráfico, conectando-se diretamente com a construção de gênero do personagem. Esta construção se conecta também com outros aspectos da trajetória do ciclo de Jacob, com o ambiente patriarcal que impõe violência e preço ao corpo de uma criança diferente e sobrevivente de outras violências. Como tantas vítimas do tráfico humano hoje, José foi vendido por sua própria família. E o fato de a caravana midianita estar disposta a comprar um menino escravo para vender no Egito (Gn 37,26-28), diz-nos que o comércio de pessoas já estava ocorrendo na região naquela época. O artigo tenta

oferecer novas luzes interpretativas que permitem uma desconstrução em termos de gênero, não só dos personagens literários masculinos presentes na história, mas também das relações de poder e violência suscitadas entre os homens para identificar pequenas e fundamentais estratégias de resiliência e mudança diante do trauma, oculto e vergonhoso, em particular quando envolve homens de um mundo patriarcal.

Nancy Cardoso (Brasil) apresenta um estudo sobre infância e escravidão na Bíblia a partir de 2Reis 5, um texto talvez pouco conhecido e abordado. É um texto complexo em sua brevidade e no qual ouvimos a voz de uma menina escrava, daquela cujo nome não foi registrado nos textos oficiais do mundo em que viveu, uma voz de menina que também é negligenciada nas interpretações oficiais do nosso tempo. Nancy observa que na América Latina e no Caribe existem cristianismos fundamentalistas e alienantes que justificam projetos de dominação e exclusão, fazendo com que a escravidão ronde continuamente a vida de muitas meninas, meninos e jovens em uma sociedade desigual, alienada e moralista. O fundamentalismo bíblico fornecerá um eixo de interpretação que vise explicar tudo e resolver tudo. “Ao longe, uma menina está sendo sequestrada pelo esquema do tráfico de pessoas. Sem Deus, sem pátria e sem família ... ninguém vai sentir sua falta: socialmente morta e isolada da herança social de seus ancestrais.

Abordando a realidade dos judaítas pobres em Jó 24,1-17, Shigeyuki Nakanose (Brasil) identifica os lesados, explorados e violentados, tanto no mercado nacional quanto no internacional, do período persa, envolvendo gregos e fenícios. A análise do texto permite reconhecer que, assim como o empobrecimento, a escravidão e o tráfico de seres humanos eram causados pelos judaítas mais ricos daquela época, assim também a exploração sistemática e sistêmica é praticada pelos poderes econômicos e políticos de hoje. É um verdadeiro catálogo de pecados estruturais: “homenagem ao rei, paga em prata”; “homenagem ao Templo de Javé, pago em empréstimos e câmbios abusivos”. Nesse contexto, segundo o autor, a contribuição do livro de Jó é mostrar os passos pelos quais uma pessoa explorada, violentada e reduzida à miséria extrema é capaz de se levantar ao experimentar o Deus da vida.

Voltando ao livro de Cântico dos Cânticos, Daylins Rufin Pardo (Cuba) analisa o livro em sintonia com as tradições rabínicas, como a do Rabino Akiba, que sustentava que, se todos os livros da TANAK são sagrados, o Cântico dos Cânticos é o mais sagrado entre eles. É o livro que, simbolicamente, dá sentido e arte ao amor entre Deus e a Casa de

Israel. Por isso, ele é indispensável para uma hermenêutica libertadora em uma chave de leitura de gênero. Daylíns analisa Cânticos 8,8-10 enfatizando os elementos linguísticos e gramaticais da passagem. Revisa o que outras abordagens disseram sobre essa passagem e a partir delas dialoga criticamente com aqueles nichos de significado que vêm moldando uma visão utilitarista e preconceituosa sobre sexualidade, casamento, amor e corpos femininos. Com isso, Daylíns denuncia a existência de atitudes que ainda hoje convivem e tornam como naturais práticas de violência e iniquidade, principalmente no que diz respeito às mulheres. Tráfico humano, negócios, contratos afetam quem somos em nossas liberdades e direitos. Em sua análise emerge uma “ela”, que tem palavras finas e elegantes, a esperança de um mundo melhor por meio de uma forma diferente e possível de olhar e ler.

Em uma decisão orientada pela necessidade de tecer o fenômeno do tráfico humano, numa perspectiva de profundidade e historicidade, José Enrique Ramírez (Costa Rica) nos oferece um artigo que compara a reação diferenciada que ocorre em diversos textos do Antigo Testamento referente a este problema social. Estuda, de forma particular, o tema da rebelião, principalmente política, destacando aqueles textos onde não se espera que a ação libertadora venha de uma intervenção de fora ou de outrem, mas que se constrói por meio de iniciativa e ação próprias. Os estudos bíblicos tendem a evidenciar a ação de Deus no mundo: Ele escuta e intervém, e a configuração salvação/libertação é vista como a resposta divina a um clamor popular. O braço poderoso desta figura salvadora transforma o povo em um recipiente expectante da ação divina. Em tudo isso, envolve uma concepção de ser humano, de sociedade e de ação política. Mas, o artigo argumenta que a rebelião no sentido político aponta para uma caminhada própria, para um “sair do jardim, iniciar a história, correr riscos ... Ser partícipe do próprio destino”. E, então, ressignificar a rebelião como ato primeiro de um novo estado de coisas.

Sandra Mansilla (Argentina), a partir das palavras registradas no Evangelho de João 8,31-47, sobre uma mulher que ela identifica como vítima de tráfico, afirma que essa mulher conseguiu se libertar criando consciência para si mesma e para os demais que hoje procuram se engajar na luta pela abolição do sistema de prostituição do tráfico de pessoas. Sandra insiste no evangelho como anúncio humanizador e dignificante para todo ser humano, especialmente para os mais pobres e necessitados que não podem esperar mais. Através da voz de Sonia,

uma mulher do nosso tempo, ler as discussões suscitadas sobre o caso da mulher vítima de tráfico, interpala-nos a uma politicidade do crer, menos principista e mais pragmática, menos religiosa e mais eficaz... “O tempo é curto e a situação demasiada grave. “As pedras estão sobre nossa cabeça”.

Mercedes Lopes (Brasil), apresentando uma jovem escrava que gera lucro para seus donos com seu dom especial de adivinhação, leva-nos a ler a passagem de Atos 16,16-20 com um olhar compassivo, mas não menos crítico com aqueles que lucram com o infortúnio humano. A passagem conta que o lucrativo dom da menina foi retirado por Pablo, seja porque se incomodasse com os gritos da menina que o seguia e que revelavam sua identidade religiosa, seja pela indignação que resultava de vê-la todos os dias com seu trabalho sendo apropriado por outros. A partir do texto bíblico e a partir do testemunho da história de Linda, uma mulher traficada em Madri, o artigo destaca as situações perigosas, degradantes e desesperadoras vividas pelos jovens traficados. Mercedes reflete sobre corpos humanos transformados em mercadorias que rendem muito dinheiro no atual contexto mundial de acumulação e concentração de riquezas. Nesse negócio altamente lucrativo, as máfias do tráfico de pessoas se especializam em maneiras de atrair, sequestrar e esconder suas mercadorias criminosas e valiosas. Trazer essas coisas à luz ilumina a interpretação do texto de Atos 16, para tirá-lo de uma leitura superficial e situá-lo no contexto de exploração que expropria a vida.

Num segundo artigo em perspectiva histórica, desta vez a partir do Segundo Testamento, Néstor Míguez (Argentina) explora a relevância da concepção paulina da graça como expressão da justiça divina na compreensão e recuperação das vítimas do tráfico. Néstor considera um caso de testemunha (o de “Marita” Verón, na Argentina) para ver e articular vários componentes que definem o tráfico de pessoas. Em seguida, ele analisa os sistemas de escravidão como pano de fundo para entender os principais textos paulinos e, por fim, hermenêuticamente aborda algumas das perícopes das cartas de Paulo aos Gálatas e aos Romanos como um espaço para a dignidade das vítimas e uma reivindicação por justiça e liberdade.

Para não ficar calada e passiva diante da grave situação do tráfico, Carmela Gibaja (El Salvador), religiosa, ativista e voz proeminente da rede Ramá (Rede da vida consagrada da América Central e Caribe contra o tráfico de pessoas), elabora um epílogo a partir da América Central,

após ler os artigos desta edição, onde levanta a voz para lembrar que quando falamos de tráfico de pessoas estamos falando de milhões de vítimas silenciadas, de um negócio opaco, invisibilizado, presente em todo mundo, difícil de detectar e mais difícil de combater por causa das redes sofisticadas que o sustentam. O tráfico humano é uma máquina global de fazer dinheiro que beneficia um grupo muito pequeno de privilegiados e é considerada uma das piores formas de escravidão moderna. Carmela não se contenta em denunciar, mas exerce um pensamento crítico a partir da práxis: “Há motivos para a esperança?”, pergunta ela, para logo anunciar que: “estamos chamadas a não perder a esperança e seguir lutando para que estas realidades opressoras, injustas, que matam a vida, deem lugar à justiça, à solidariedade e ao respeito”.

Talvez essas reflexões sejam insignificantes diante da dimensão que é praga do tráfico de pessoas, principalmente por se tratar de um problema estrutural, com causas políticas, culturais, econômicas e sociais. Da mesma forma como muitas vozes se levantam, dizendo “Não queremos voltar à normalidade”, ou seja, às condições de origem da pandemia, assim também queremos levantar nossa voz contra o tráfico de pessoas. Por mais que tenha estado presente em toda história humana, é hora de dizer um basta. A normalidade que conhecemos, vista através das lentes do drama do tráfico, está associada ao empobrecimento da grande maioria da população e à prisão e à morte dos defensores dos direitos humanos. A norma do estabelecido inclui violência contra crianças, contra os jovens, contra as mulheres etc. É a norma da violência sexual e do feminicídio. A exploração de seres vivos, a escravidão e a extinção de milhares de espécies em nosso planeta também são normais. As águas gritam, as florestas morrem, a Mãe Terra é devastada pelo estilo de vida imposto por este sistema de mercado e, desta forma, não queremos que o tráfico entre no catálogo de nenhum novo normal, agora que aprendemos que todos os problemas dos seres humanos são interdependentes. Enfim, as perguntas que fazemos tocam em uma única pergunta, como diz Ivone Gebara na introdução: quem é o ser humano?

Nota da coordenação do número: Em 29 de novembro de 2020, a Irmã Carmela Gibaja (Irmãs do Anjo da Guarda), autora do epílogo da realidade deste número, morreu em um acidente ao descer alguns degraus das ruas de seu bairro, Colônia Zacamil, em San Salvador, El

Salvador. Carmela caminhava para a festa dominical na paróquia do bairro, acompanhada por uma de suas irmãs. Seu corpo foi coberto e guardado pelas vizinhas, em sua maioria mulheres idosas, que esperavam muitas horas pela chegada dos oficiais da medicina legal, que, saturados pela realidade violenta e sem condições, fazem o que podem. Carmela compartilhou o destino dos pobres de seu bairro, deixando o poderoso símbolo de morrer caminhando entre seu povo. *In memoriam*.

Tradução: José Ademar Kaefer.